

Trabalho, Corpo e Identidade – O Humano na Modernidade e na Contemporaneidade

Ana Emília Sousa Rocha¹

UNIVASF

Resumo: A modernidade criou o sonho de dominar a natureza, isso fez com a tecnologia avançasse mais e mais: máquinas, computadores, equipamentos eletrônicos para usar em casa no trabalho, no corpo. A tecnologia “torna a vida mais fácil”. Mas a modernidade precisou também que o homem progredisse, que o homem se reinventasse, se reconstruísse. Um novo homem para uma nova era. Baseado em teóricos da modernidade, Touraine, Giddens, Durkheim, e da contemporaneidade, Tadeu, Haraway, Kunzru, este texto se constrói discorrendo sobre esses dois períodos da história. A primeira parte, fala sobre o rompimento com a tradição na modernidade; a segunda trata da (re)construção dos corpos na contemporaneidade.

Palavras-chave: Ser humano. Modernidade. Contemporaneidade. Corpo e identidade.

1. Uma Visão da Modernidade a Partir do Rompimento com a Tradição

A modernidade é definida geralmente como o período que se inicia com o Iluminismo e a Revolução Industrial, e, de

¹ Ana Emília Sousa Rocha, graduação, UNIVASF.

acordo com Touraine (1994), o primeiro (e não o único) modelo de modernidade surgiu na Europa e nos EUA. Este modelo estava pautado no tripé: elites e modo de produção capitalista, implantados nessa época; a ideia de que os valores emergem da sociedade; e na convicção de que todos nascem ignorantes e que a cultura/conhecimento é fruto da sociedade.

A modernidade pretendia superar o conceito de homem como reflexo de deus. Ela surge anti-humanista, pois o homem era tido como um ser dotado de alma e a alma é obra de deus (*Id. Ibid.*, p. 37). A modernidade traz o preceito de substituição das ideias religiosas, das explicações e dos comportamentos instituídos pela religião, por outros baseados na razão, como consequência do Iluminismo. Ainda de acordo com Touraine “A ideia de modernidade substitui Deus no centro da sociedade pela ciência, deixando as crenças religiosas para a vida privada” (*Id.*, p. 18).

Assim, esse período já nasce com a pretensão de superar os modos de organização estabelecidos, pois “A ordem social não deve depender de nada além de uma livre decisão humana, que faz do homem o princípio do bem e do mal e não mais o representante de uma ordem estabelecida por Deus ou pela natureza” (*Id. Ibid.*, p. 24). Aos poucos a modernidade desconstrói a ideia de “sujeito”, desfazendo as relações entre o indivíduo e o

Diálogos N. 6 – Ana Emília S. Rocha – Trabalho, Corp e Identidade...
sagrado para favorecer uma nova forma de organização social (*Id. Ibid.*, p. 37).

A ruptura com a tradição na modernidade se deu em vários setores: social, espiritual, econômico, científico etc. Segundo Giddens (2002), a modernidade possui três dimensões fundamentais: o industrialismo, o capitalismo e a organização; além disso, criou a “industrialização da guerra” (expressão de Touraine, *op. Cit.*) e o estado-nação. Tudo isso concorreu para o rompimento com a tradição.

A partir de Durkheim, Giddens e Touraine é possível compreendermos como aconteceu essa ruptura a partir de três grandes marcos: o racionalismo, o secularismo e a divisão do trabalho social (DTS).

Nos primórdios, a ciência é estabelecida como princípio da sociedade moderna: “O que distingue a filosofia do Iluminismo da que a precede é sua intenção de estender a todos os homens o que havia sido propriedade de apenas alguns, a saber, uma existência conduzida em conformidade com a razão” (TOURAINÉ, 1994, p. 19). A pretensão era criar uma sociedade onde a razão conduzisse o governo, a ciência e a produção técnica (*id. ibd.*, p. 18).

Libertar o homem da ignorância e do jugo da Igreja era determinante para o estabelecimento dessa nova era. “A corrente

dominante do pensamento ocidental, desde o século XVI até nossos dias, foi *materialista*. A recorrência a Deus, a referência à alma foram constantemente consideradas como herança de um pensamento tradicional que era preciso destruir.” (TOURAINÉ, 1994, p. 37), pois os pensadores modernistas tinham o objetivo de colocar o homem como ator social, responsável pelo que fazia de acordo com seus desejos e suas necessidades, independente de deus. Assim, é proclamada a morte do “sujeito” e o surgimento do “indivíduo”.

A religião foi encarada pelos modernistas como uma forma de se preservar a ordem estabelecida até então. A luta entre o secularismo e a dualidade do homem – que era formado pela racionalidade e pela subjetividade - no início do período moderno acabou culminando na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. Aos poucos a individualidade é construída e a lei estabelece os direitos individuais e os deveres para com o comum.

Durkheim aponta a divisão do trabalho como a maior diferença entre a sociedade moderna e as sociedades tradicionais. Segundo este autor, a intensificação da divisão do trabalho na modernidade foi possibilitada por: aumento da densidade demográfica urbana; aumento da preocupação com questões do cotidiano que interfeririam no conforto dos outros; escassez de

emprego. Durkheim defende a expressão Divisão do Trabalho Social (DTS) porque essa divisão se deu em todos os setores, toda a sociedade moderna é dividada em especializações de função e não só o trabalho na fábrica.

As sociedades tradicionais estavam organizadas a partir da “solidariedade mecânica”, na qual a coesão do grupo se dá pela totalidade de crenças e valores comuns aos membros de uma sociedade. Neste tipo de sociedade os sujeitos não são distintos, a similitude é sua característica fundamental e por isso todos estão e devem estar ligados uns aos outros, o que prejudica uma pequena parte o faz com toda a sociedade. Assim, qualquer ato criminoso² era punido com sanções públicas para preservar a consciência coletiva. Este termo é definido como “O conjunto de crenças e de sentimentos comuns à média dos membros de uma mesma sociedade” (DURKHEIM, *ibid.*, p. 30).

Na sociedade moderna a organização é a partir da “solidariedade orgânica”, nela os indivíduos estão parcialmente

2 Definidos na nota do tradutor como “os atos socialmente reprimidos por meio de sanções. Sua característica comum consiste, portanto, na reação da sociedade perante tais condutas, daí a tendência para defini-los como “atos universalmente reprovados pelos membros de cada sociedade””. Nota da p. 30

E também na explicação: “Nas palavras de Durkheim: “não se deve dizer que um ato ofende a consciência comum por ser criminoso, mas que é criminoso porque ofende a consciência comum. Não o reprovamos por ser um crime, mas é um crime porque o reprovamos””. Nota da p. 32

ligados à sociedade, ou melhor, ligam-se a setores específicos dela – que está organizada de acordo com a DTS. A individualidade consolida-se através da diferença, cada indivíduo desempenha determinadas funções na sociedade – assim como cada órgão do corpo – e destaca-se de alguma forma. Assim, diferente da sociedade tradicional, a violação das regras não atinge toda a sociedade, mas uma parte e quando a “regularidade é perturbada, basta que seja restabelecida” (*Id. Ibid.*, p. 40-1).

A transformação social é demonstrada por Durkheim a partir das diferenças entre esses dois tipos de solidariedade. O processo de modernização é o que Durkheim chama de preponderância progressiva da solidariedade orgânica. É um movimento irreversível da ruptura com a tradição.

Para Giddens o dinamismo da sociedade moderna é o que a distingue das sociedades tradicionais. É uma característica que presente em todos os momentos desse período: “O mundo moderno é um “mundo em disparada”: não só o *ritmo* da mudança social é muito mais rápido que em qualquer sistema anterior; também a *amplitude* e a *profundidade* com que ela afeta as práticas sociais e modos de comportamento preexistentes são maiores” (GIDDENS, 2002, p. 22). Ao contrário das sociedades tradicionais, onde a oralidade é a base do conhecimento e o passado é primordial para a orientação dos sujeitos, na sociedade

moderna o investimento na mídia impressa e eletrônica (televisão, jornal, revista, telégrafo, telefone e outros meios eletrônicos) aceleraram o processo de separação entre espaço e tempo. A mídia foi responsável por tornar o mundo mais “conectado”, para fazer a aproximação entre os lugares, por isso Giddens diz que ela separou “espaço” e “lugar”. Para ele a imprensa foi um dos fatores responsáveis pela formação do estado moderno, que, como já foi dito, é criação da modernidade (*id. ibd.* p. 30).

O dinamismo social possui três dimensões: 1- a “separação do espaço-tempo”, caracterizada pela popularização de instrumentos para marcar o tempo, e que acabou criando o tempo universal, válido para todo o mundo e desvinculado do lugar (*id. ibd.* p. 22-3). 2- o “desencaixe das instituições sociais” (consequência da primeira dimensão), é “a chave para a imensa aceleração no distanciamento entre tempo e espaço trazida pela modernidade” (*id. ibd.* p. 24), constitui-se de dois fatores, fichas simbólicas e sistemas especializados. As fichas simbólicas (dinheiro, por exemplo) são uma abstração do sistema econômico que ajudam a esconder o tempo e o espaço na produção e negociação de produtos e serviços (*id. Ibid.* p. 24). Os sistemas especializados “põe entre parênteses o tempo e o espaço dispondo de modos de conhecimento técnico que têm validade

independente dos praticantes e dos clientes que fazem uso deles” (*id. ibd.* p. 24), isso é válido para todos os setores da sociedade e aspectos da vida. 3- a reflexividade, concernente ao cuidado nas escolhas que se faz, pois a modernidade priva a sociedade da “influência de práticas e preceitos preestabelecidos” põe entre parênteses o tempo e o espaço dispondo de modos de conhecimento técnico que têm validade independente dos praticantes e dos clientes que fazem uso deles” (*id. ibd.* p. 25).

A queda da influência da Igreja na vida social, tida na pré-modernidade como único parâmetro de comportamento, o estabelecimento da razão como guia do homem e uma nova organização da sociedade baseada na especialização das funções e na busca do aperfeiçoamento, produziu o que chamamos de modernidade. Se por um lado o homem ficou livre para escolher seu credo, duvidar e questionar, criar novas regras e desagrilhoar-se das tradições rigorosas, por outro, ele ficou também sem o amparado da certeza que a tradição oferece, na instabilidade da busca de alguma ordem social, de encontrar sua identidade, de resgatar uma memória.

2. A (Re)construção dos Corpos na Contemporaneidade

digital” e já existem pesquisadores que acreditam que as pessoas usam cada vez mais equipamentos eletrônicos (computadores, celulares etc) como extensões de seu corpo³. Então, a propaganda não é exagerada, o ser humano agora também é digital, é eletrônico. É um híbrido de animal e máquina. É um ciborgue, como diz Donna Haraway.

O texto de Haraway, escrito na década de 1980, traz os ciborgues, seres da ficção, para a realidade, mostra que eles existem. Pessoas com órgãos eletrônicos (marcapassos, pernas mecânicas, coração artificial etc) fazem parte da vida real e superam o homem-animal. E essa mistura rende cada vez mais: concordando com a jovem Amber Case, não é apenas um aparelho que reconstitua ou substitua uma parte perdida do corpo que as pessoas usam na contemporaneidade, para “completar” o corpo, encontramos dispositivos que guardam nossas memórias, nos permitem ver mais longe – o *zoom* faz isso -, ou apenas nos faz ficar mais bonitos. É o que diz Kunzru, “A era do ciborgue é aqui e agora, onde quer que haja um carro, um telefone ou um

3 Amber Case, filósofa digital declara em entrevista: “Você é um ciborgue toda vez que olha para a tela de um computador ou usa um celular, porque está entrando numa relação tecno-social com um pedaço de tecnologia não-humana. Nossos celulares, carros e laptops tornaram-se ciborgues porque nós os empregamos para fazer coisas que não conseguimos como simples indivíduos. Nossos corpos podem estar nos mesmos lugares, mas nossas identidades e pensamentos estão viajando pelo globo.” (MUNIZ, 2011)

Diálogos N. 6 – Ana Emília S. Rocha – Trabalho, Corp e Identidade...
gravador de vídeo. Ser um ciborgue não tem a ver com quantos bits de silício temos sob nossa pele ou com quantas próteses nosso corpo contém.” (2009, p. 23).

Segundo Tadeu,

“Uma das características mais notáveis desta nossa era (chamem-na pelo nome que quiserem: a mim, “pós-moderna” não me desagrada) é precisamente a indecente interpretação, o promíscuo acoplamento, a desavergonhada conjunção entre o humano e a máquina. Em um nível mais abstrato, em um nível “mais alto”, essa promiscuidade generalizada traduz-se em uma inextrincável confusão entre ciência e política, entre tecnologia e sociedade, entre natureza e cultura. Não existe nada mais que seja simplesmente “puro” em qualquer dos lados da linha de “divisão”: a ciência, a tecnologia, a natureza puras; o puramente social, o puramente político, o puramente cultural. Total e inevitável embaraço. Uma situação embaraçosa? Mas, cheia de promessas, também: é que o negócio todo é, todo ele, fundamentalmente ambíguo.” (2009, p. 10-1)

Esta é uma era em que homem e máquina se confundem, se misturam para exceder-se. Tadeu cita os tipos de invenções

tecnológicas usadas nesse hibridismo: “1- restauradoras: permitem restaurar funções e substituir órgãos e membros perdidos; 2- normalizadoras: retornam as criaturas a um indiferente normalidade; 3- reconfiguradoras: criam criaturas pós-humanas que são iguais aos seres humanos e, ao mesmo tempo, diferentes deles; 4- melhoradoras: criam criaturas melhoradas, relativamente ao ser humano.” (2009, p. 12). Vejamos o que seria cada um desses tipos:

O primeiro tipo – restauradoras – é o mais antigo e conhecido: aparelhos auditivos, braços mecânicos, olho eletrônico, gravador de voz. Servem para restituir a totalidade das qualidades do corpo humano a uma pessoa que perdeu uma parte dele.

Ao tipo normalizador pertencem os objetos mecânicos que permitem às pessoas que seu coração bata regularmente, mecanismos médicos nanotecnológicos que encontram/resolvem problemas de saúde.

O terceiro tipo – reconfiguradoras – podem expressar a liberdade do corpo ou sua subjugação a determinados ideais, como os implantes subcutâneos da *body modification*, ou os de silicones e anabolizantes que criam supermodelos. Se por um lado, permitem que cada um (re)construa seu corpo como desejar, por outro permitem às instituições controlar e moldar esse corpo

de acordo com seus interesses.

O último tipo – melhoradores – são principalmente aqueles de interesse militar, “máquinas de visão melhorada”, exoesqueletos, e também os organismos geneticamente modificados (OGM). Mas também são o carro, que permite velocidade no deslocamento, os microfones etc.

Dos interesses médicos e militares, a reconstrução corporal com próteses de variadas funções passaram a atender também interesses estéticos. O autor ainda questiona a originalidade humana, quem seria o ser humano depois dessas mudanças artificiais no corpo? Por outro lado, cada pessoa poderia ser o original de si mesma (re)construindo seu corpo de acordo com seus interesses. E então, tem-se uma grande procura pelos implantes de silicone em partes diversas do corpo para atender a demanda de corpos perfeitos criados e divulgados – impostos mesmo – pela grande mídia. Homens e mulheres procuram o procedimento. Em 2009 foram feitos 8.091 implantes de silicone nos glúteos no Brasil⁴. Percebe-se que além de auxiliar na busca pela identidade, a crescente demanda pela modificação corporal e consequente oferta de soluções estão intimamente relacionadas com o consumismo explorado pelo

4 Dados da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica.

capitalismo.

Se a modernidade tinha o compromisso ideológico de desvincular o homem da divindade e da natureza, na contemporaneidade o que Haraway chama de ciborgue não estabelece ligação com o cosmo “por isso não pensam em recompô-lo [...] eles são filhos ilegítimos do militarismo e do capitalismo patriarcal, isso para não mencionar o socialismo de estado. Mas os filhos ilegítimos são, com frequência, extremamente infiéis às suas origens. Seus pais são, afinal, dispensáveis.” (HARAWAY, 2009, p. 40). Ou seja, os ciborgues já são produto de um mundo construído pelo homem, não existe mais deus, e a falta de algo em que acreditar faz com que eles vivam sem uma ideologia, sem bandeiras para defender. Seus interesses concentram-se em outras coisas. “O ciborgue é nossa ontologia; ele determina nossa política” (HARAWAY, *ibid.*, p. 37).

A construção cirúrgica de corpos femininos na contemporaneidade lembra a frase de Haraway: “um mundo sem gênero, que será talvez um mundo sem gênese, mas, talvez, também, um mundo sem fim” (id, *ibid.*, p. 38). Neste caso, “corpos femininos” podem ser corpos de mulheres, de transsexuais, de travestis e outros que se constroem com bisturis e implantes – e brevemente com células-tronco e a

Diálogos N. 6 – Ana Emília S. Rocha – Trabalho, Corp e Identidade...
nanotecnologia⁵, pois a ciência avança na busca do desenvolvimento de novas técnicas e materiais. No início deste milênio já é possível constatar que o estabelecimento de gêneros está sendo questionado. Os gêneros existem, mas se multiplicam e se indefinem, por exemplo, qual é o gênero de um homem que se “submete” a procedimentos cirúrgicos para mudança de sexo, reconstrói seu corpo para continuar casado com a mesma mulher, mas agora com um corpo *feminino*? Indefinível.

Se no período moderno o ser humano trazia o peso da sensação de perda de identidade, agora percebe-se que a busca por essa identidade se reflete muito mais no corpo do que antes. Se a roupa e o cabelo ajudava a construir uma identidade na metade do século passado, as mudanças corporais, que podem ir de um simples *piercing* no nariz, a reconfiguração do rosto com cirurgias plásticas que remodelam o nariz ou sobrancelhas, até uma nova conformação total do corpo humano – de feminino para masculino, de homem para guepardo. Contribuem para essa busca desde procedimentos de cirurgia plástica, de *body modification* – tatuagens, *piercings*, escarificações, implantes etc – a acoplamento de peças eletrônicas.

5 O sítio web da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica publicou texto que anuncia o desenvolvimento de técnica de aumento de seios a partir da nanotecnologia.

Mas sempre resta a dúvida: o mercado avança porque sentimos a necessidade de nos (re)construirmos ou sentimos esta necessidade porque o mercado oferece cada vez mais serviços e produtos sedutores?

REFERÊNCIAS:

DURKHEIM, Émile. **Fato social e divisão do trabalho**. São Paulo: Ática, 2007.

GIDDENS, Antony. Os contornos da altamodernidade. In: _____. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HARAWAY, Donna. KUNZRU, Hari e TADEU, Tomaz (org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

KUNZRU, Hari. Você é um ciborgue – um encontro com Donna Haraway. In: HARAWAY, Donna. KUNZRU, Hari e TADEU, Tomaz (org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MUNIZ, Diógenes. **“Somos todos ciborgues”, diz filósofa digital**. Mar./2011. Disponível em:

Revista Diálogos n.º 6 – Revista de Estudos Culturais e da Contemporaneidade – UPE/Faceteg – Garanhuns/PE - 2012

<<http://www1.folha.uol.com.br/tec/885177-somos-todos-ciborgues-diz-filosofo-digital.shtml> > Acesso em 03 dez. 2011.

Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica. Disponível em:

<<http://www2.cirurgiaplastica.org.br/index.php> > Acesso em: 05 dez. 2011.

TADEU, Tomaz. Nós, ciborgues: o corpo elétrico e a dissolução do humano. In: HARAWAY, Donna. KUNZRU, Hari e TADEU, Tomaz (org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

TOURAINÉ, Alain. As luzes da razão. In: _____. **Crítica da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1994.